

A R E G E N E R A Ç Ã O

AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composição, Impressão e Redacção na
Typ. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueirense
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Data Histórica

Passou há dias mais um aniversário—o 2.º—da assinatura, em Roma, da Concordata com a Santa Sé e do Acôrdo Missionário.

A fim de festejar o histórico acontecimento, o «Diário da Manhã», depois de recordar algumas das palavras pronunciadas por Salazar, sobre os importantes instrumentos diplomáticos, sublinha:

«Nestes dois anos decorridos, desde a assinatura da Concordata até hoje, só temos tido motivos para melhor confirmar o superior critério definido nestas palavras.

Entre as convulsões do Mundo em guerra, Portugal, integrado na «zona de paz» peninsular, fiel aos seus rumos de sempre, continua a sua marcha, na Unidade, no Trabalho e na Ordem. E mais do que nunca se afervora no culto dos «valores espirituais», em que vê o único legítimo fundamento e o único remédio eficaz para os males de que sofre o Universo. Ao mesmo tempo não pode deixar de ter a consciência nítida de ser um dos raros povos que se conserva à sombra dos altos ideais da cristandade sem ódios, sem rancores, sem ambições desmedidas, orientado apenas pela justa defeza dos seus direitos e pela vontade firme de cumprir os seus deveres.

«E' neste estado de espírito que jubilosamente celebramos a assinatura da Concordata com a Santa Sé—pela qual, repetimos, a Nação Portuguesa se viu reintegrada nas grandes directrizes espirituais da sua História.»

Palavras da melhor e mais eloquente verdade elas bem merecem ser ouvidas com religiosa devoção por todos os portugueses.

No entanto, a elas há que acrescentar os grandes e admiráveis efeitos conseguidos pela execução do «Acôrdo Missionário», graças ao qual nós passamos a ser de novo, no nosso Império Colonial—cuja obra de missionação durante anos e anos tão abandonada esteve—, os evangelizadores arautos da Civilização.

A nação apostólica, senhora da melhor e mais gloriosa História que durante imenso tempo pareceu esquecer a sua superior missão no Mundo voltou a desempenhar a altíssima missão que sempre fôra sua característica.

Angola deixou de ser a «diocese-fantasma» de que falava depreciativa mas justamente Alexandre Brou em 1933, para se tornar numa admirável, próspera e magnífica Província eclesiástica com dois bispados sufragâneos: Nova Lisboa e Silva Porto.

E o que se diz de Angola pode dizer-se de Moçambique, também tornada Província eclesiástica, e

Os nossos pobres

Acaba de suspender a sua actividade a mais altruista e humanitária instituição de beneficência que entre nós se fundou nos últimos tempos.

Quero referir-me a essa simpática Comissão de Auxílio aos Pobres, que, nos curtos anos da sua existência, tão brilhantes serviços prestou à nossa terra.

Com o produto da contribuição voluntária de um grande número de habitantes de Figueiró dos Vinhos, mantinha-se uma periódica e discreta distribuição de esmolas pelos pobres mais necessitados, sustentando-os e acabando com o triste e degradante espectáculo da mendicidade pública.

Era bela a obra que essa Comissão vinha realizando, mas, como sucede a tanta coisa boa, também esta desapareceu. E' que alguns dos seus maiores subscritores, alegando motivos vários, se recusaram continuar a pagar as suas cotas. E Figueiró assiste de novo a essa procissão de desgraçados, mendigando, de porta em porta, aquilo que os seus semelhantes, mais afortunados, se negam a dar-lhe por processo bem mais nobre e humanitário.

Abstenho-me de criticar a atitude daqueles indivíduos, mas não posso deixar de lastimar que, com tal resolução, se tenha atingido precisamente os que mais deviam ser poupados ao ódio e à inveja dos homens. E' triste constatar que entre nós não há pelos pobrezinhos o amor e o respeito que nos deviam merecer.

A nossa terra possui os recursos necessários para poder manter uma obra de assistência social que seja digna do seu passado e do seu valor presente, e à sua população impõe-se o dever cívico e moral de cuidar a sério dos pobres. Não podemos esperar que os poderes públicos tudo resolvam, e este é um dos problemas que só é possível solucionar com a colaboração e boa vontade de todos.

E' para essa colaboração e união de todos os figueirense, de todos os homens bons da minha terra, que eu apelo no momento angustioso que passa. A solução deste grave problema é um dever cristão que a todos se impõe e que Figueiró dos Vinhos precisa encarar com o merecido carinho.

Oxalá que esta brado não seja lançado em vão, e encontre eco nos corações bondosos dos meus conterrâneos.

Mário Alves

A moura da lapa

A Lapa da Moura — designação poética que lembra as lendas das mouras encantadas, tão do agrado do nosso povo —, é um dos recantos mais aprazíveis de Figueiró dos Vinhos. A Ribeira da Água d'Alta, caíndo de grande altura entre fragas e arvoredo, valoriza a paisagem e dá-lhe um encanto especial.

A bela moura bem tentou subir a serra alta, mas ficou em meio. — Foi por bem, meu amor, senão receio que, por amor, deixava de existir.

Deitada numa pedra, quis dormir — mas ficou encantada, no anseio dum ideal mais alto, e no enleio dum amor impossível de extinguir.

Ajogada em poixão, a linda moura na lapa fresca aonde ainda mora na margem do regato, triste e só,

quisera subir mais no alto monte para avistar — só uma vez! — de frente o encanto que a prende: Figueiró!

José Bular

Data histórica

também com dois bispados sufragâneos: Beira e Nampuls.

E como Angola e Moçambique, a Guiné transformada em Perfeitura Apostólica, e Cabo Verde metido a caminhos de novos e mais acentuados progressos.

Se a isto juntarmos a forma admirável como tem aumentado o número dos nossos missionários, facilmente teremos visto que no espaço de dois anos retomámos o nosso grande e extraordinário papel de povo civilizador, de nação apostólica que andou pelo Mundo levando Deus às almas, acendendo as luzes da civilização nos mais recônditos recantos da terra.

Por tudo isto, celebrar o aniversário da Concordata e do Acôrdo Missionário, é recordar uma das mais belas datas do Portugal contemporâneo, do Portugal renovado e renascido.

Sol, árvores, espaço...

Figueiró dos Vinhos é—escrevermos em tempos — uma das terras mais indicadas para se aplicar na prática a bela concepção arquitectónica de Le Corbusier: «Sol, árvores, espaço.»

O sol é-lhe dado pela esplêndida situação a meia encosta; toda a vila está engrinalhada de árvores — pinheiros, carvalhos, encalptos, plátanos... —, que lhe garantem um ar puríssimo e se prestam, pela variedade, para a valorização das suas possibilidades estéticas; e, quanto a espaço, a dispersão desordenada actual, bem corrigida, é de molde a enquadrá-la num plano que vise a sua organização como pequena cidade-jardim.

Trabalhando com estes elementos, a urbanização de Figueiró dos Vinhos integrar-se-ia facilmente no plano de Le Corbusier, se houvesse da parte dos construtores a preocupação de embelezamento e comodidade, — mas comodidade que fôsse sinónimo de vida livre e saudável e não pretexto de inactividade.

Porém, para valorizar Figueiró dos Vinhos, é necessário bem mais do que a boa vontade de uma ou outra entidade; todos devem concorrer para o aproveitamento de todos os seus elementos estéticos e utilitários, pela ordenação das construções urbanas num plano que evite o monotonia e concorra para a saúde e bem estar geral. E isto porque a fórmula «sol, árvores, espaço» simboliza a saúde, a beleza e o agrado turístico.

J. T.

Defesa Civil do Território

Vai realizar-se, em Lisboa, o primeiro grande exercício de Defesa contra ataques aéreos feito segundo as directrizes do decreto que criou a Defesa Civil do Território.

Sabes-te ignorante, mas olha que a tua ignorância é muito melhor do que supões. Ignoras o que vem nos livros, e os teus conhecimentos das coisas com que lidas—como a agricultura—vem, através de gerações, dos teus antepassados. Julgas-te um conhecedor prático, mas coraras de vergonha se te inumerassem todas as coisas que a prática nos ensinou sobre o amanho das terras,—e isto porque assim verias quão grande é a ignorância de que te falei.

Bem sabes que não digo isto para te magoar, mas sim para que tomes a consciência das tuas limitações, e pretendas sobrepassá-las por um estudo cuidado das condições em que vives e em que devias viver. A tua prática é muito louvável, mas olha—sem desprimor—, que também o burro tem a prática de escolher a ração a dente...

Deves fazê-lo. Nada te custa ler um pouco mais e, principalmente, escolher as tuas leituras. Eu sei que a jorna é pequena, e tem que chegar para tudo; mas vê se não há no saber mais do que os outros—ou tanto—uma pequenina fonte de iniciativa e, portanto, de riqueza!

Para conheceres o mundo, tens de te conhecer um pouco. Escreveu Alexis Carrel—conhecido biólogo (1)—, que o homem, estudando a terra sob todos os aspectos e conhecendo os fenómenos como os seus dedos, se desconhece quasi totalmente. Quando um indivíduo da categoria científica de Carrel—que a tem, e muita, a-pesar das suas falsas vistas em sociologia (2)—escreve isto, em que escala da inferioridade te deves considerar!

Deves começar por saber observar e relacionar as coisas que sucedem, os fenómenos: uma pedra que cai, a água duma ribeira que se escapa em cachão entre as fragas, podem ser suficientes para construir um sistema científico ou para encontrar a solução dum assunto que à primeira vista parecia muito diferente mas que uma análise aprofundada ligou àqueles factos.

Para compreendermos bem as ligações entre os diversos fenómenos, começamos por saber prever os efeitos a partir das respectivas causas. O melhor caminho para se chegar a este ponto é isolar um certo número de fenómenos, e procurar relacioná-los uns com os outros; foi a partir deste principio que se estabeleceram, em ciência, as leis, que agrupam numa fórmula única todas as causas e efeitos idênticos,—uma fórmula que traduz a constância das coisas que acontecem.

Também aqui a experiência é a mãe de todo o conhecimento objectivo, isto é, do que é dado pelos sentidos. E, neste campo, o verdadeiro fim é reproduzir ou, pelo menos, prever os fenómenos, para deles tirar o máximo aproveitamento para nós e para tudo o que nos cerca.

Só há um caminho para deixares de ser ignorante. Um caminho de libertação e de independência. Estudar e aprender.

João

1, 2) A biologia é a ciência que estuda os seres vivos: animais e vegetais; a sociologia, a que tem por objectivo as relações entre os agrupamentos humanos.

A arte e a ciência

A ciência é um produto da ideia; a arte é um produto da sensação; a missão da ciência é indagar, a missão da arte é encantar; a ciência opera sobre o pensamento, deixando em repouso o sentimento; a arte opera sobre ambos e tão profundamente que muitas vezes não se aquietam jámais.

A ciência chama-se indagação,—a arte, evocação.—Vargas Villa.

Ecos Agrícolas

Actualidades Correspondências

Campêlo, 12 5 942



Prisioneiros germânicos recebem agasalhos

CARTEIRA

Está entre nós o nosso assinalante sr. Augusto José, há pouco chegado da Beira-Africa Oriental, onde exerce a sua actividade.

Que tivesse feito boa viagem e encontrasse os seus bem, são os nossos melhores desejos.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas nesta relação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- António Luiz Coelho, Beira-Africa Oriental
Manuel Ascensão Silveira, Chimpeles

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

Depois disto conduzem, presos a uma corrente grande, o seu condutor e, com ele os soldados do serviço de saúde e maqueiros ao local onde se encontra o ferido. Justamente o auxílio rápido que desta forma é prestado a certos feridos pelo «cão sanitário» faz com que também nesta guerra, se deva honrar, além do «companheiro cavalo», o «companheiro cão» (R)

criadores de abelhas. A produção anual atinge cerca de 150.000 quilos de cera e dez milhões de quilos de mel. A exportação de mel, há cinco anos, foi de 1.290.000 quilos, a maior parte enviada para a Inglaterra.

Sempre o mesmo... — Um americano conversando com Bernard Shaw, perguntou-lhe:

— Porque não volta aos Estados-Unidos? Seria grande honra para nós, americanos, tê-lo novamente como nosso hóspede.

Delicadamente, Sh w respondeu: — Meu amigo, não há necessidade de fazer essa viagem. Como vê, todos os americanos dignos de serem escutados dão-se ao trabalho de virem visitar-me...

O espaço económico da Europa continental

pelo sr. G. Kurt Johannsen

Em confronto com outros espaços económicos, a Europa continental (sem a U. R. S. S. e a Turquia) é um território que, por motivo da sua densa população, se acha submetido a um sistema de exploração intensivo. A superfície da Europa continental anda por 49 milhões de quilómetros quadrados e sua população por 339 milhões de habitantes, o que corresponde a 69 habitantes por q. q. O mundo restante ocupa, por outro lado, uma superfície de 129,5 milh. q. q. com uma população de 1.800 milhões de habitantes ou seja, 14 habitantes por q. q. Desta forma, vivem na Europa continental, num espaço que nem sequer prefaz 4% da superfície do globo terráqueo, 16% de todos os habitantes da terra.

Da grande densidade da população, a industrialização na Europa alcançou elevado nível, tendo em vista a multiplicidade dos aspectos da vida económica na Europa que, por seu lado depende das diversidades geográficas e climáticas do continente, perfeitamente se compreende que as várias economias do mesmo se completam entre si em muitos respeito. Basta apenas fazer referência aos excedentes de produtos agrários e matérias primas dos países de sudeste. As grandes reservas florestais da Escandinávia, à produção industrial da Europa central, a Europa continental acha-se, por seu lado, equilibrada em produtos,—sendo até possível cedê-los a outros distritos,—como carvão, centeio, aveia, celulose, seda artificial, etc.

Continuando a progredir a produção de forragens na Europa e assegurando os fornecimentos necessários, é possível alcançar excedentes de produtos alimentícios como: ovos, manteiga, queijos! Ao reorganizar o espaço económico do continente europeu, terão — de ser resolvidas três tarefas: 1.º Desenvolver as forças económicas dos diferentes países, numa cooperação mútua e máxima concordância; 2.º desenvolver adicionalmente as fontes de alimentação e de matérias primas; 3.º organizar de novo o comércio externo do espaço da Europa continental, com outras partes do mundo em base segura. A Europa continental não pretende ser autárquica. Não pode subsistir dúvida de que, garantidas as necessidades vitais no espaço próprio, ainda restam possibilidades de intercâmbio com outras partes da Terra.—T.

Assina! "A Regeneração,"

Grças aos esforços de algumas pessoas construiu-se há pouco tempo em Campêlo a residência para qual cuja necessidade se vinha fazendo desde há muito tempo. Para a concessão das obras desta grande e elegante casa está a fazer-se uma subscrição, tendo-se dirigido um apêlo aos corações generosos dos bons filhos desta freguesia, que em grande número, têm correspondido com a sua oferta.

Hj queremos manifestar publicamente o nosso profundo reconhecimento ás pessoas abaixo mencionadas:

- Josquim Simões Cêrca e Irmãos, naturais do lugar de Vilas de Pedro e residentes no Brasil, subscriveram-se com 3.560\$00; Joaquim Henriques Rosa, natural do lugar de Campêlo e residente em Lisboa — 500\$00; João Simões Pereira, natural do lugar de Campêlo e residente em Lisboa — 200\$00; Manuel Domingues Rosa, natural do lugar da R. bairra Velha e residente em Lisboa—290\$00; Alvaro Lourenço, do lugar do Singral Cimeiro e residente em Lisboa — 100\$00; Armando Simões Cascaes, natural do lugar de Campêlo e residente em Lisboa—100\$00; José Francisco dos Reis, natural do lugar de Paralcovo e residente em Lisboa—50\$00; Manuel Rosinha Carvalho, natural do lugar das Eiras e residente em Lisboa—20\$00, e Padre Manuel Luis Pároco actual de Campêlo—500\$00.

(Continua) C.

Pesca às trutas

Deve terminar brevemente a proibição da pesca às trutas e outras espécies, na Ribeira de Alge e seus afluentes.

Dado o entusiasmo que reina entre os afeccionados deste desporto, parece nos prudente lembrar que, embora termine a que a proibição, não significa que sob todas as formas e feitios, nos lancemos no extermínio das referidas espécies, sem nos recordarmos do trabalho e despesa que o repovoamento causou, para já não falar no facto de, durante dois anos, termos estado privados de tão interessante desporto. Nestes termos, e no desejo de que a proibição não seja prorrogada, lembramos a todos os afeccionados a conveniência de usarem de toda a ponderação e bom critério, munindo se sómente de um simples anzol, satisfazendo assim os seus desejos piscatórios. Aqui fica, pois, o aviso, no próprio interesse de todos.

Marinha mercante armada

— Durante a Guerra dos Quatro Anos, a defesa da Marinha mercante inglesa teve de ser mais ou menos improvisada. Por certo, eram fornecidos aos navios de comércio meios para essa defesa e alguns

barcos tinham canhões a bordo: os oficiais e tripulantes ignoravam porém a bôca e lhes permitiam ingerir alimentos. Logo que tais pessoas se sentiam sob a ameaça do enjôo, fazias-as respirar oxigénio pelo nariz. A' hora das refeições, os passageiros munidos das máscaras ofereciam um aspecto pitoresco e divertido, mas como experimentavam um grande bem-estar, pouco lhes importava o riso ou as graçolas.

Quando os canhões e outros apetrechos de defesa eram instalados nos navios, tornava-se necessário instruir o pessoal durante o tempo em que deveria estar ocupado noutros serviços. No entanto, a iição foi proveitosa. O Almirantado julgou depois necessário, durante o tempo de paz, familiarizar os oficiais da marinha mercante com os problemas que poderiam ter de resolver se, de novo, o país se encontrasse envolvido em guerra — o que se passou a fazer com rigor e excelente rendimento.

Apicultura gigantesca — Existem no Canadá cerca de 25.000

Arroçamentos — Um das maiores factores de economia rural consiste em dar aos animais as rações alimentares segundo as suas necessidades, evitando desperdiçar sem incorrer no perigo dos animais receberem um sustento insuficiente. Para arroçar é preciso estabelecer um cálculo de equivalências dos diversos pastos em relação com a sua composição química e com o grau de energia que desenvolvem.

As quantidades de alimentos a fornecer variam com a espécie animal a que são destinados e com a utilização a que se destinam. Um animal em regimen de repouso necessita — como é evidente e a prática demonstrou — duma menor quantidade de calorías que um que trabalhe; assim como uma vaca em lactação já precisa dum arroçamento diferente.

Quem quiser alimentar racionalmente os seus animais a partir dos pastos de que dispõe, pode dirigir-se a este jornal, secção Ecos Agrícolas, que prontamente será atendido.

A cultura da soja — Cultivar a soja é garantir ao País uma leguminosa rica em vitaminas, própria para alimentação humana e dos animais.

A preparação do terreno é praticamente a mesma que para o milho, devendo, também, fazer-se uma calagem, se for muito ácido.

A sementeira deve fazer-se na mesma época em que faz a do milho.

A soja vinga em quasi todos os terrenos mesmo nos que não foram nunca submetidos a essa cultura.

Nos terrenos onde a soja vinga difficilmente, por falta de bactérias próprias, deve inocular-se a semente.

A estação agronómica, em Sacavem, Organismo da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, envia gratuitamente a quem o solicitar culturas de bactérias específicas, em embalagens apropriadas, bastando indicar a quantidade de semente a empregar.

A soja requisita-se à Repartição de Estudos, Informação e Propaganda—Lisboa, que fornece as variedades Improved Yellow, Medium Yellow e Manchu.

Não esqueça que cuidar da produção é cuidar das subsistências do País.

CASA Rez do chão, com instalação eléctrica, arrenda-se nesta Vila, á Fonte das Freiras. Trata — Carlos Laterda.

CURIOSIDADES

Segundo noticias de Frankfurt — a Fábrica Stinnes, de Gladbeck, concedeu a um certo número dos seus operários, que á serviram de forma irrepreensível durante anos consecutivos, um belo presente de Páscoa: 37 pequenas famílias e 7 operários celibatários foram instalados, mediante uma renda módica, em bonitos lares de repouso, construídos pela própria fábrica. Cada um desses lares é uma casinha singular, cuja frontaria deita para um pequeno jardim de recreio, oferecendo o conjunto um aspecto muito agradável. O mobiliário desses lares

é muito prático e moderno. Nas trazeiras, foram dispostos pequenos parques.

Para evitar o enjôo do mar — Há muitos medicamentos que se aconselham ou se aplicam contra o chamado enjôo de mar.

O médico inglês William Boothby, há tempo, praticou numa série de experiências a bordo de um grande transatlântico onde teve a oportunidade de empregar o oxigénio como remédio para esse incômodativo mal que ataca a maioria dos que embarcam. Muniu as pes-

soas, com tendência para o enjôo, de máscaras que lhes deixavam livres a bôca e lhes permitiam ingerir alimentos. Logo que tais pessoas se sentiam sob a ameaça do enjôo, fazias-as respirar oxigénio pelo nariz. A' hora das refeições, os passageiros munidos das máscaras ofereciam um aspecto pitoresco e divertido, mas como experimentavam um grande bem-estar, pouco lhes importava o riso ou as graçolas.

AVISO

Para conhecimento de todos os interessados se transcreve o conteúdo da disposição 4.ª das Instruções para a escrituração dos Registos de Matrículas de Militares: — «Os militares são obrigados a apresentar na Unidade ou estabelecimento militar em que se escreitam os seus registos, os documentos comprovativos dos averbamentos que devem ser registados na casa — designação do estado civil — da sua folha de matrícula, dentro do prazo de um mês, a partir da data em que se deu o facto a registar. Quando assim não procederem ficarão sujeitos a procedimento disciplinar e obrigados a requerer ao Ministério da Guerra o respectivo averbamento».

Em virtude desta determinação devem as praças apresentar no acto da Revista de Inspeção, que está em curso, os Boletins de Casamento e de Nascimento dos Filhos, que por se destinarem a fins militares são pelo Registo Civil fornecidos gratuitamente.

Figueiró dos Vinhos, 7 de Maio de 1943.

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

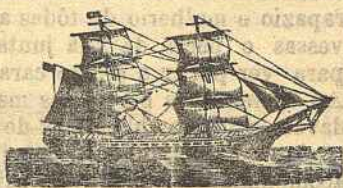
Aberta das 14 às 19 horas

Largo de Arroios, 73, 1.º

Telefone 46873

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

LISBOA



Agência de passagens e passaportes

DE

Antonio Rodrigues

Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa

Vende passagens para toda a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes

Todas as pessoas que desejem embarcar para qualquer parte, devem procurar esta agência porque é a que mais barato vende passagens e com mais seriedade e rapidez trata de toda a documentação e responde a toda a correspondência

12-10

Travessa Nova de S. Domingos, 16, 1.º-E. — LISBOA
(A' Praça da Figueira) **Telefone 27998**

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Mannel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede—**FIGUEIRO DOS VINHOS**—Telefone 5

| | Cheg. | Part. | | Cheg. | Part. |
|---------------------|-------|-------|---------------------|-------|-------|
| BOLO | — | 6,00 | LISBOA | — | 9,00 |
| Castanheira de Pera | 6,10 | 6,15 | Sacavem | 9,25 | 9,25 |
| Figueiró dos Vinhos | 6,55 | 7,05 | Vila Franca de Xira | 10,05 | 10,10 |
| Pontão | 7,40 | 7,45 | Carregado | 10,25 | 10,25 |
| Cabaços | 8,10 | 8,15 | Azambuja | 10,45 | 10,45 |
| Tomar | 9,05 | 9,20 | Cartaxo | 11,10 | 11,15 |
| Entroncamento | 10,00 | 10,05 | Santarém | 11,45 | 12,05 |
| Torres Novas | 10,20 | 10,25 | Pernes | 12,45 | 12,45 |
| Pernes | 11,00 | 11,00 | Torres Novas | 13,20 | 13,25 |
| Santarém | 11,40 | 12,00 | Entroncamento | 13,40 | 13,40 |
| Cartaxo | 12,30 | 12,35 | Tomar | 14,20 | 14,30 |
| Azambuja | 13,00 | 13,00 | Cabaços | 15,20 | 15,25 |
| Carregado | 13,20 | 13,20 | Figueiró dos Vinhos | 15,50 | 15,55 |
| Vila Franca de Xira | 13,35 | 13,40 | Castanheira de Pera | 17,20 | 17,25 |
| Sacavem | 14,20 | 14,20 | BOLO | 17,35 | — |
| LISBOA | 14,45 | — | | | |

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

| | Cheg. | Part. | | Cheg. | Part. |
|-----------------|-------|-------|-----------------|-------|-------|
| Coentral | — | 5,40 | Bolo | — | 17,50 |
| Bolo | 5,55 | — | Coentral | 18,50 | — |

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ**—R. da Palma—Tel. 21363

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Éditos de 20 dias

1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juízo e 1.ª secção correm éditos de 20 dias, citando quaisquer créditos desconhecidos, para no prazo de dez dias, findos que sejam o dos éditos, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, virem à execução que Dona Maria Adelaide da Costa Agria, viúva, desta vila de Figueiró dos Vinhos, move contra Francisco Silveiro e mulher Remilde da Conceição, elle ausente em parte incerta da França e ela residente no lugar de Agua d'Alta, desta freguesia, deduzirem os seus direitos, querendo, nos termos do artigo 864.º do Código do Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos, 8 de Maio de 1942.

O Chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 559 de 23 de Maio de 1942

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos**

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Ulisses António da Conceição Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

Agente-depositário de: Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE LAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-18

- Os melhores preços -

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos Café Central Figueiró dos Vinhos

Bicas para resinagem

Vende-se qualquer quantidade Raul Teixeira Lopes & C.º — Rua das Flores, 83-1.º-Porto 3-3

COFRE

Vende-se; informa esta redacção 4-3

GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

| CABAÇOS — COIMBRA | | | ANCIÃO — COIMBRA | | |
|-------------------------------|---------|---------|--------------------------------|---------|---------|
| DIARIA (excepto aos Domingos) | | | às Segundas, Quartas e Sábados | | |
| | Chegada | Partida | | Chegada | Partida |
| Cabaços | — | 5,30 | Ancião | — | 8,25 |
| Alvaiázere | 6,45 | 6,50 | Alvôrge | 8,50 | 8,50 |
| Chão de Couce | 7,25 | 7,25 | Rabaçal | 9,10 | 9,15 |
| Pontão | 7,35 | 7,45 | Condeixa | 9,40 | 9,45 |
| Coimbra | 9,15 | 15,30 | Coimbra | 10,15 | 16,00 |
| Pontão | 18,00 | 18,10 | Condeixa | 16,30 | 16,35 |
| Chão de Couce | 18,20 | 18,20 | Rabaçal | 17,05 | 17,05 |
| Alvaiázere | 18,55 | 19,05 | Alvôrge | 17,25 | 17,25 |
| Cabaços | 19,20 | — | Ancião | 17,50 | — |

Pontão — Pombal às Quintas-feiras

| | Chegada | Partida |
|--------|---------|---------|
| Pontão | — | 8,30 |
| Ancião | 8,50 | 9,00 |
| Pombal | 9,45 | 16,00 |
| Ancião | 16,50 | 17,00 |
| Pontão | 17,15 | — |

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval). 24-16

Paragem em Coimbra, na AUTO GARAGEM, Telefone 701

Alvaro Amorim Pinto Advogado

Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Vendem-se

2 máquinas de costura, uma Singer e outra Titan estado novas, bobine central. Dirigir a Justino Mendes Medeiros, Figueiró dos Vinhos.

Vende-se

uma propriedade sítio aos Brigueiros, limite do lugar da Castanheira de Figueiró, pertencente a Bernardino Grácio Carvalho, Castanheira de Pera, a Maria S. Joé.

COMPRA-SE

Uma mula, égua ou jumenta, que seja nova e mansa. Dirigir-se a Manuel Francisco Correira, a Maria S. Joé.

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Agente e depositário dos produtos

Lusalite Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas **Tungstam**

Comissões e Consignações

Boletim Bibliográfico

Poemas de hoje, de Augusto dos Santos Abranches—Ed. Portugália, Coimbra, 1942.

Eis um livro cujo conteúdo se integra inteiramente dentro do título. São bem de hoje estes expressivos poemas de Augusto dos Santos Abranches,—e refletem a tragédia do mundo em guerra numa forma poética actual correspondente às mais elevadas aspirações da mocidade.

Cantar a guerra como facto heróico é relativamente fácil, e tanto assim que a poesia de todos os tempos está cheia de epopeias acerca dos mais variados feitos de ar-

Ergueu-se a voz do oráculo do fundo do pântano
que o sol não beijava,
Ergueu-se
e gritou seu destino livre!
E o génio da noite, para o calar, cobriu a terra de sangue...

O poeta acaba com um canto de esperança:

Mas eu te sonho livre e simples, Mundo!,
ainda que tu te rias de mim
e não sintas que está quasi andada
a última rota perra do teu destino.

Com a presente obra, Augusto dos Santos Abranches excedeu tudo quanto esperávamos das suas possibilidades poéticas.

Horizonte, quinzenário cultural dirigido por Joel Serrão, n.º 1 a 5. Lisboa, 1942.

Com a publicação de Horizonte, preencheu-se um espaço vazio de que se vinham ressentindo todos quantos se interessam pelos assuntos culturais e literários.

Horizonte constitui uma bela afirmação de inteligência e boa vontade, que agrupa um certo número de espíritos moços e fortes, para quem o momento não é de estagnação e bisantinismos inúteis, mas sim de progresso e de consciencialização colectiva, pelo aperfeiçoamento intelectual da nação; reunidos sem a preocupação de impor qualquer sistema ou credo, pretendem valorizar a vida nacional a partir do espírito colectivo,—factor de que nem todos compreendem o alcance, mas que é essencial para que o país se erga da superstição e da ignorância.

Somos um povo que vive ainda muito pela memória histórica; nos períodos críticos falamos, sob qualquer pretexto, das descobertas, e deixamos intencionalmente no escuro, por um pudor incompreensível, tudo quanto urge remediar para nos afirmarmos como país progressivo. Não é possível, portanto, deixar em claro uma manifestação como a presente.

E' consoladora a ideia de que, como nós o temos sempre tentado, outros jovens procuram nas cênicas e nas letras novos caminhos que nos valorizem no presente sem

Patriotismo construtivo e agressivo

Há dois patriotismos. Um compõe-se de todos os ódios de todos os preconceitos, de todas as grosseiras antipatias que os povos nutrem uns contra os outros. E' o que pensa: — detesto, odeio, desprezo as nações rivais e vizinhas da minha: sou pois um bom patriota!

Tal é o axioma brutal de certos homens de hoje em dia. Vêdes que esse patriotismo custa

mas; é mais contingente cantar a negação da guerra, imprimindo aos poemas o factor de actualidade indispensável para conjugar as manifestações sociais que o conflito envolve com uma poesia de índice poético elevado. E, sem exageros, Santos Abranches consegue plenamente, de modo a agradar sem descer a qualquer artificio a não ser o da própria poesia por vezes velada por não se poder expandir...

E' uma voz simpática e firme que se levanta, cantando o inconformismo perante o presente que se nega; apesar desta negação, expressa no início do livro:

qualquer necessidade da muleta do passado.

A vida de hoje tem de ser compreendida à luz dum critéria actual: assim o compreenderam os dirigentes de Horizonte,—e, como consequência, fizeram dele um repositório oportuno das diversas actividades do intelecto, equilibrando-as entre si de modo a formarem um todo unido, em que a variedade derivada das maneiras diferentes de encarar o mundo à luz da ciência e da arte não prejudica de forma alguma a coesão.

Parabéns a Joel Serrão e seus companheiros de trabalho.

João Tendeiro

Recebemos, e criticaremos no próximo número, os Cadernos de Informação Cultural Iniciação: O Islamismo e As Abelhas, de Agostinho da Silva, e o caderno A circulação do sangue, de Harvey, da sua Antologia.

Também recebemos:

As novas matérias primas alemãs, album de propaganda às substâncias sintéticas que a Alemanha lançou no mercado, como produtos de substituição.

Campanha de Produção Agrícola — folhetos sobre Matos, A Habitação Rural e Cultura do Milho.

Relatório e contas do Sindicato Nacional de Pessoal da Indústria de Lanifícios do Distrito de Leiria, referente a 1941.

pouco: basta ignorar, injuriar e odiar.

— Mas há outro que se compõe, pelo contrário, de todas as verdades, de todas as faculdades, de todos os direitos que os povos têm em comum e que, amando sobretudo a sua própria pátria, deixa transbordar a simpatia para além das raças, das fronteiras. — Lamartine.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Cabaz de cantigas

A tua saia revôlta
A's riscas brancas e pretas,
E' guarda sol que se volta
E deixa ver as varetas.

Roubei-te o beijo primeiro,
— Custou-me uma bofetada.
Mas o segundo e terceiro
Já não me custaram nada.

Tua bôca vermelhinha
E' tal qual — passo jurá-lo —
Como crista de galinha
A dar nas vistas ao galo.

O lenço que tu me deste
Já tem a marca dos teus:
— Tem a tinta dos teus lábios
Que às vezes fica nos meus.

Nos lábios do meu amor
Anda um sorriso a bailar.
Parece um despertador
A fazer-me madrugar...

Não há motivo nenhum
Para que eu só seja teu.
Repara: — o Céu é só um...
E tanta estrêla no Céu...

Nos teus olhos há desejo.
Tua bôca nega, com medo.
Mas, se eu te roubar um beijo,
Logo te apanho o segrêdo...

Com o teu ar afectado
Supbes-te uma grande prenda.
Vives num quarto alugado...
Sabe Deus quem paga a renda!

Cascais, 1942

Francisco Pires

O combate ao desemprego

Publicou-se, recentemente, o Boletim do Commissariado do Desemprego, referente a Janeiro e Fevereiro do corrente ano. Este Boletim, que se apresenta em moldes novos, claros e precisos, constitui um excelente elemento de consulta, não só no que diz respeito à obra nacional realizada em curso, mas ainda pelas informações relativas aos aspectos gerais do problema do desemprego e do trabalho em vários países.

A pesar da crise económica—reflexo inevitável das perturbações internacionais — e quando seria de esperar um lamentável aumento no número de desempregados, o Boletim dá-nos a informação de que as estatísticas acusam menos quinhentos e trinta e cinco desempregados em relação a 31 de Dezembro de 1941. Aos que objectaram que o número é pequeno, e, portanto, de pequena influência no conjunto geral das necessidades de trabalho, dir-se-lhes-á que o importante, o transcendente, o quasi milagroso resultado a salientar é ter havido, precisamente — grande ou pequeno — um saldo positivo, no momento difícil que atravessamos, mercê de tantas e tão variadas causas externas. O melhor, o mais significativo, é precisamente aquele menos de desempregados. Ainda que fôsse apenas um, já seria para estranhar e para agradecer. Tratando-se de mais de quinhentos julgamos inúteis quaisquer comentários. Há factos que se ilustram por si.

O Boletim informa nos, também, que só na comparticipação de obras, durante o mês de Fevereiro, dependeu o Commissariado do Desemprego 3.030.522\$95; e que, no decorrer de 1942, serão contempladas com vestuário e calçado treze mil crianças.

Piquenique

Num dia quente e belo deste Maio pagão que está correndo, as senhoras quiseram ter um piquenique. Mas era longe a herdade e não poderia ser como os piqueniques de outrora. Que pena!

Nêsses piqueniques de outrora, rapazes, meninas e até mesmo algumas senhoras casadas mas ainda jovens, iam de burro, e apenas venerandas matronas pesadas de gordura e fortuna seguiam nas carretas, juntamente com as criancinhas e cestos bem fornecidos de comida. O rapazio e mulherio de tôdas as travessas e bécos da vila juntava-se para ver partir a alegre caravana. Ao montar nos burros, as meninas davam gritinhos histéricos de medo e gozo ao ser ajudadas pelos jovens acompanhantes; medo de cair dos burros, gozo ao cair no contacto dos braços namorados. Da antiga e saudosa cavalaria, êstes baronetes modernos e as respectivas dulcineias apenas tinham aquilo: as burricadas.

Zurravam infernalmente os gericos, suspeitando fêmea na régua. Mas eram tôlos, porque ninguém se atreveria a trazer burra em burricada de senhoras! Pois se mesmo assim os bichos, ainal mais burros que só de nome, zurravam escandalosamente e exibiam as mais impróprias atitudes, obrigando todos a virar a cara!

As pequenas vinham vestidas frescamente, quanto o permitia a severa moral de ante-guerra, em matéria de toilette: chapéus de palha de largas abas para defender do sol, enfeitados de flores e de fitas de seda, blusas leves, vaporosas, e curta saia. Nêsses dias pareciam outras, mais alegres, mais viçosas e animadas, as pobres julietas todo o ano enclausuradas nos palacetes da vila. Raras queriam ir de cadeirinha, e antes corajosamente montavam sentadas nas albardas, como nossa senhora viajou para Belém. Amazonas não as havia ao tempo, pois nem por sonhos alguma senhora da província teria o despiante de abrir as pernas em público, escarranchando-se como um homem. Abrenúciol!

Mas por mais saudosista que se seja, é de todo impossível reviver exactamente o passado—e êste piquenique do após guerra num dia de Maio quente, eternamente belo não pode ser como os de outrora. A herdade ficava longe, havia agora até lá magnífica estrada que o proprietário mandara construir durante o recente consulado à frente dos destinos municipais, e por isso os autênticos burros de outrora foram bancados por moderníssimos cavalos HP de Buicks, Grahams, Hupmobiles e outras marcas de categoria social. As flácidas matronas, as cinéfilas vamps provincianas, os jovens baronetes de sempre, os pequenos e rosados príncipes ainda de peito, e os velhos papás paucudos e terratenientes, arrancaram então sem bucolismos, cada qual do seu castelo, em limousine própria. Apenas a criadagem com os grandes céstos de comida de todos os tempos seguiu nas carretas, partindo muito mais cedo para já se encontrar no destino quando os patrões chegassem.

A herdade tinha um bellissimo «monte», onde não faltavam comodidades, raramente utilizado pelo proprietário, que quasi sempre habitava a casa da vila, e, no verão,

ociava por luxuosas estâncias e praias de luxo. O almoço estava projectado para o palacete, mas os convidados protestaram alegremente: «Não senhor; no campo como no campo, o almoço deveria ser ao ar livre, a natureza».

Foram então para a horta, a dois passos. Estenderam-se toalhas no chão e os convidados sentaram-se na relva, em volta, à sombra duma gigantesca acácia. Criadas trouxeram os pratos frios, já cozinhados da vila: peru assado, roast-beaf, leitão no forno, pasteis, peixe frito, frutas, queijo, bolos, garrafas-termo com chá e café, vinhos, licores — enfim, iguarias e fartura que o campo jámais vê comer, senão quando lá vai passear certa gente das vilas. O almoço foi de campo, é certo, apenas quanto ao sitio de ser comido.

Fumados os últimos cigarros pelas senhoras e ainda acesos os havanos correspondentes à alta hierarquia dos convidados, a comitiva partiu em visita às instalações da herdade: a vasta abgoaria onde trabalhavam todo o ano dois carpinteiros, nos carros e mais ocharia de lavoira; a oficina de ferreiro com o seu mestre e o malha ferro tratando das enxadas e enxadões de arrancar cêpa, cruzes de tanto cristo; o quartel das beiroas a cuja porta apenas se assomou por causa das pulgas; as longas arramadas para recolha de carros, charruas, grades, tractores, debulhadoras e tôda a mais utensilagem agrícola; os enormes palheiros e os armazéns de cereal: trigo, aveia, fava, milho, arroz; e os arruamentos de moradias térreas da creadagem (ganhões, ganadeiros, familia de jornal) umas na continuação das outras, iguaisinhas, muito caiadas de branco, cada qual a sua porta e uma fresta (nem ao menos uma porta e uma janela), às soleiras um enorme pedregulho, e no interior, à entrada, cozinha com chaminé baixa e o poial de potes ao lado. Ao fundo, apenas outro compartimento, com fresta para as trazeiras. Ai se ageitam, sob as telhas do patrão conforme podem e facilmente se calcula, as familias rurais nas fomes do inverno e na bastança veraniega, na saúde e nas maleitas, poucos ou muitos, velhos que a morte traz esquecidos e só a fazer pêso aos filhos que os sustentam ao lado da baccrada dos criancos, juntos machos com fêmeas, carne de trabalho e de cria, simultaneamente.

Nas ruas do monte vagueavam mocinhos de tôdas as piaras, e às portas apareciam mulheres a cumprimentar «aqueles seus ricos senhores», cheias de respeito e bisbilhote. Era na verdade uma colossal instalação, uma aldeia, uma enorme fábrica agrícola, aquele monte ainda solarengo. E foi então que um dos convidados, possuidor de avultada fortuna em prédios de renda na vila, lealmente reconheceu a própria insignificância, dizendo que o seu amigo, grande proprietário, senhor de tudo aquilo, era incomparavelmente mais poderoso do que êle. Foi esta a primeira homenagem que o illustre anfitrião recebeu nesse dia dos seus pares; outros de mais altura do que aquêle primeiro amigo a falar lhe prestariam igual vassalagem.

(Continua)

Jorge Nunes

PENSAMENTO — Conduzi-vos sempre como se estiverdes sendo observados por dez olhos.—Confúcio.